



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

Masatoshi Akagi

(entrevista)

São Paulo, SP

2005

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

Número da entrevista: E-950

Nome do/a entrevistado: Masatoshi Akagi

Local da entrevista: São Paulo, SP

Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Data da entrevista: 13/05/2005

Transcrição: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Copidesque: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Revisão: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 1 hora e 50 minutos.

Páginas Digitadas: 41.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

** Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: AKAGI, Masatoshi. Entrevista com Masatoshi Akagi concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 13 mai 2005, 45 p.

SUMÁRIO

Imigração para o Brasil; Início da prática do Sumô; Características do Sumô; Funcionamento das academias no Brasil e no Japão; Formas de patrocínio; Academias de Sumô em São Paulo; Difusão do Sumô no Brasil; Sumô profissional no Japão; Relação com a comida; purificação do PA.

São Paulo (SP), **13 de maio de 2005**. Entrevista com Masatoshi Akagi (**M.A.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

F.M. – O senhor é imigrante japonês, não é?

M.A. – Sou, sou. Veio com um ano de idade.

F.M. – Veio com um ano. Em que ano?

M.A. – 1932

F.M. – 1932?

M.A. – Cheguei aqui dia 22 de Março de 1932.

F.M. – E sua família é originária de que de que localidade no Japão?

M.A. – Miasaki

F.M. – Miasaki. É na grande ilha ou não?

M.A. – Não. Mais na ponta. Perto, fica mais perto de Okinawa.

F.M. – Mais perto de Okinawa. Mas não é na ilha de Okinawa.

M.A. – Não não. Antes da ilha de Okinawa.

F.M. – É uma ilha também?

M.A. – É, é uma ilha. Pouquinho já grande né. Não é que nem Okinawa. Ilha de Okinawa, bem menor.

F.M. – E por qual motivo sua família decidiu vir do Japão pra cá?

M.A. – Naquela época, governo do Japão parece que..., situação também, né, situação obrigo, que nem agora aqui no Brasil, tá indo...

F.M. – ... muita gente pra lá.

M.A. – Muita gente voltando o nosso filho, neto, neta, voltando pro Japão. Os Estados Unidos mesma coisa, né. Então aquela época, Bra... Japão, situação não tava muito bom, saiu, tava saindo do Japão.

F.M. – E sua família chegou, começou, e foi trabalhar onde? Veio direto pra São Paulo ou não?

M.A. – É, estado de São Paulo. Mas já veio, já veio contrato feito, né. Já foi, já foi ..., é perto Ribeirão Preto, Igarapava.

F.M. – Café?

M.A. – Café. Era fazenda Junqueira, encostado no Estado de Minas. Divisa faz...

F.M. – Uberaba, perto de Uberaba, Rio Grande.

M.A. – É.

F.M. – Conheço a região ali um pouco. Mas aí depois acabou o café e vocês vieram pra cidade?

M.A. – Não, contrato era dois anos, né, era obrigado dois anos. E nós ficamos três anos porque meu pai era de lavoura no Japão, né, e ele, então não... pra ele era fichinha. Então

ele trabalhava bem, meu pai, minha mãe e minha tia. E eu era criança, um ano de idade. Aí, a administradora da fazenda gostou da família de meu pai, pediu pra ficasse mais, mais tempo lá. Aí meu pai ficou, plantando arroz, arroz arroz que colia é tudo pra nós. Só que terra tão bom, terra tão boa que arroz, não sei se você conhece arroz...

F.M. – Conheço, é região alagada né. Mas que tipo de arroz que era?

M.A. – Era, não arroz seco...

F.M. – Ah, era arroz seco

M.A. – ... não era alagado. Então, era tão bom, tão boa que cresceu demais, dá altura de 1 metro e 50 mais ou menos, né, 1,50m é, quase 2m. Aí quando o Cássio encheu de de arroz né, aí começou a ficar pesado, né. Arroz sabe como é que fica, né?

F.M. – Hunrum.

M.A. – Ele fica assim [gesticulou]. Aí, muito peso ele, perde arroz e não guenta, né. O pé de arroz é fininho, não tem essa grossura.

F.M. – Hunrum.

M.A. – Aí não guentava caiu por causa da ventania que dava, caiu.

F.M. – Perdia a plantação.

M.A. – É, perdia a plantação. Deitou antes de amadurecer então não dá. Aí não aproveitou nada. Aí veio embora pra Marília, região de Marília. Saiu, ficamos lá três anos, 32, 33, 34 e 35. 35 veio pra Marília, interior da Marília, né. Não não é na cidade.

F.M. – Trabalhava em que cultura lá?

M.A. – Algodão. Derrubava mata virgem que ainda tinha bastante mata virgem e e derrubava mata virgem. Assim, meu pai sofreu.

F.M. – E eles não falavam português, não falava nada?

M.A. – Não, não falavam nada.

F.M. – O senhor já freqüentava escola de de normal, da fazenda?

M.A. – Não. Nesse lugar ainda era pequeno, né. Saí de lá com 4 anos. Marília, onde foi, mudou pra Marília, né. Tudo mata virgem, então não tinha escola. Não tinha escola. Depois ficou ai dois ou três anos, isso também terra não ajudava aí mudou pra outro lado. Lá pro lado, catequeses, catequeses. Colônia do lado ... lá pro lado mais é Sorocabana.

F.M. – Lá perto de Sorocaba, ali?

M.A. – Não, bem pra lá, né.

F.M. – Hunrum.

M.A. – Não me lembro o nome da cidade, lá...

F.M. – Cidade aqui do do, aqui da divisa do Paraná com São Paulo?

M.A. – É, quase na divisa. Pra cá de Presidente Prudente.

F.M. – Ali tem Assis...

M.A. – Assis, foi Assis foi Assis. Primeiro entrou em divisa de divisa de Noroeste Paulista ...

F.M. – Hunrum.

M.A. – ... que tem o Rio Tietê.

F.M. – Hunrum.

M.A. – ... Rio Tietê não, Rio Tibiriçá. Tinha caminho Marília-Lins. Bem ali. Lugar chama Tibiriçá também.

F.M. – Tibiriçá.

M.A. – É.

F.M. – Aquela região tem bastante, teve bastante japonês ali, né. Tem..., ainda até hoje né, perto de Bauru, Marília...

M.A. – É, Marília tem bastante.

F.M. – ... Presidente Alves, as cidades ali.

M.A. – Maioria foi pra Marília. Esse... onde nós fomos primeira vez...

F.M. – E as cidades eram todas novas, né? Todas as cidades...

M.A. – Todas novas. Não tinha estra... aquela época a estrada de ferro, num tinha até Marília. Era até Bauru. Depois foi ...

F.M. – E pra chegar em Marília era estrada de chão?

M.A. – É. Tudo chão. Marília, Pompéia, Tupã, morei tudo por ali.

F.M. – E sempre algodão ou...?

M.A. – Algodão, algodão.

F.M. – Depois que mexeu com arroz, depois era só... foi só algodão?

M.A. – É. Algodão, amendoim. Amendoim também.

F.M. – Amendoim também! E ... senhor Masatoshi, o senhor foi alfabetizado? Daí em português? Como é que foi?

M.A. – Não, eu..., depois que tinha mais ou menos sete anos, sete oito anos de idade aí foram a própria colônia Japonesa abriu escola. Escola português né. E chamou professor e eu foi dois anos só. Então, quase não, não teve ...

F.M. – A escrita, né?

M.A. – É. Depois que cresceu que eu estudei um pouco sozinho, né.

F.M. – Hunrum.

M.A. – Como português e japonês também. Não tem grupo. Naquele tempo era grupo. Não, não foi formado grupo.

F.M. – Sempre na lavoura ajudando o seu pai?

M.A. – Sempre na lavoura. Quando tinha 9 anos de idade, já trabalhava direto.

F.M. – Tanto seu pai quanto seu tio eles eram da lavoura. Eles também não eram, no Japão, eles não eram, não tinha outro cargo.

M.A. – Não, tudo lavoura. Nossa família é de lavoura.

F.M. – Aí depois veio pra São Paulo...

M.A. – Ah, depois é longa história. [risos] Depois vários lugares né. Foi para, último foi para Pompéia. Município de Pompéia, encostado ... naquele tempo chamava Vila Queros,

hoje é Queroz. Só que nós num tava na na nesse patrimônio. Eu tava, nós tava na beira do Rio Tietê. É bem mata virgem. Morei 13 anos aí de lavoura. Terra ajudou mais ou menos, né, então cinco anos num lugar, arrendado, depois comprou sítio de 30 alqueires. Aí ficou mais 5 ano. Depois vendeu aí, mudou pra esse patrimônio chama Vila Queiroz, compramos Hotel. Meu pai comprou Hotel e tocava lavoura também, plantava algodão, ficou 3 anos. Eu tava com 13 anos aí no município de Pompéia depois em 55 veio aqui. Tô aqui desde 1955.

F.M. – Hum. E aí você veio jovem, né. Sua família toda mudou? Seu pai vendeu o Hotel, o vendeu sítio e tudo?

M.A. – É. Vendeu tudo e veio aqui.

F.M. – Aí foram trabalhar como?

M.A. – Aí eu montei armazém.

F.M. – Mas aqui mesmo?

M.A. – É, é aí mesmo. Naquele tempo...

F.M. – Aqui era praticamente rural essa região?

M.A. – Rural. E era tudo mato cai pau, aqui atrás. Eu tenho foto, só tem minha casa.

F.M. – Ah é?

M.A. – É, aqui atrás era tudo campo.

F.M. – E plantava? O pessoal plantava?

M.A. – Não, não. Nós não planto mais. Não sei se você conhece armazém “Secos e Molhados”? Tipo buteco.

F.M. – Sim

M.A. – Trabalhei

F.M. – É o que hoje seria um mercadinho, na época era um armazém

M.A. – É, é. 19 anos.

F.M. – E aqui já tinha luz elétrica, tudo certinho ou não?

M.A. – Não. Tinha né, só que eu paguei bastante dinheiro naquele tempo pra puxar. Até aí na esquina, do outro lado da esquina tinha morador aí dentro. Esquina daqui, esquina de cá tinha gente, mas nesse quarteirão não tinha gente (gesticular), nada. Então você puxei luz de lá, paguei, paguei bem caro.

F.M. – Mas pagou porque era caro ou pagou caro porque o pessoal quis se aproveitar do senhor?

M.A. – Não, acho que não. Naquele tempo é Light¹.

F.M. – Hunrum.

M.A. – Light que cobrô.

F.M. – ãh. E, e a sua família toda veio, seu pai, seu tio, sua mãe... vieram todo mundo pra cá ou não?

M.A. – Veio, veio. Meus irmãos, nós somos nove irmãos: cinco mulher, quatro irmão. Tudo vivo ainda. Morreu só meu tio e meu pai só. Minha mãe tá viva ainda, 96 anos.

¹ Empresa.

F.M. – Que Beleza hein? O senhor é o mais velho?

M.A. – É, sou o mais velho, 74 anos. 73 anos vivendo no Brasil.

F.M. – Foi difícil se adaptar aqui?

M.A. – Não. Pra nós, pra mim não foi difícil.

F.M. – Vocês ficavam muito unidos na própria família...

M.A. – É, é.

F.M. – ... uma família grande.

M.A. – Sempre tá no meio de da colônia japonesa.

F.M. – Ah, vocês mantiveram contato com o pessoal da colônia?

M.A. – É.

F.M. – O pessoal ali da Liberdade?

M.A. – Não, não. Do interior, daqui não.

F.M. – Ah, vocês tinham contato com o pessoal que estava lá, as vezes vocês iam e viam em eventos lá em Marília, Pompéia ...

M.A. – É, é.

F.M. – Mas, mas o pessoal daqui vocês não conhecem?

M.A. – Pessoal daqui? Agora conheço, né. Porque sou presidente da Confederação Brasileira de Sumo, né ...

F.M. – Hunrum.

M.A. – ... então sou velho conhecido.

F.M. – Hunrum.

M.A. – E, nesse sumô também já mais de 40 anos que eu assumi, porque eu ajudo ... esse esporte de sumô.

F.M. – Então vamos falar um pouco do sumô. Como é que foi? Você veio com um ano, então seus pais já praticavam sumô, seu tio, ou você foi aprendendo de outra forma?

M.A. – Ééé, eles praticavam assim e pouco, né. Num tinha tempo de praticá. Quando eu tinha 17, 18 anos rapaziada sabe como é que é, naquele tempo não tinha esporte muito. Agora, sumô é mais fácil, beisebol precisa duas turma, né, uma turma acho que 11 pessoas. Então precisa mínimo de 22 pessoas pra formar time. Agora sumô não, se tiver duas pessoas só, dá pra treinar. Não precisa nada, certo? Pega um aquele saco de ...

F.M. – De estopa?

M.A. – De algodão, saco de farinha ou...

F.M. – Fardo, né?

M.A. – Fardo. Fazia o coisa aqui né [gesticula] o Mauashi² e só. Pelado, né. Então eu fazia aqui, então ajuntava a rapaziada no domingo praticava sumô.

F.M. – Isso já no interior?

M.A. – No interior, naquela época.

F.M. – O sumô, ele não é como o karatê que tem uma série de golpes, uma série de sistemas de...

M.A. – Não, tem bastante golpes.

F.M. – Existe uma sistematização?

M.A. – Humrum. Existe, ô. Existe bastante.

F.M. – Quem que passou, transmitiu pro senhor? Os seus pais mesmo?

M.A. – Não. Éé... tinha gente que sabia, né, então ensinava.

F.M. – Dentro da própria colônia?

M.A. – É é, dentro da própria colônia.

F.M. – E e o sumô é uma coisa assim, ele não é que nem as outras artes marciais que de certa maneira se popularizaram mais entre os brasileiros, né. A gente percebe que tem uma procura maior de pessoas da própria colônia, de pessoas de origem oriental procurando o sumô. Nesse começo que o senhor tava dizendo era assim também ou não?

M.A. – Não. Naquele tempo não. Naquele tempo, brasileiro nato, ninguém treinava porque ficava pelado, né, praticamente, ficava só com essa faixa.

F.M. – Humrum. E o pessoal não gostava. O pessoal achava estranho?

M.A. – É. Mas é filho de japonês. Agora não, agora, agora 80% é brasileiro que tá praticando. Japonês, filho de japonês, nisei sansei, maioria foi trabalhá no Japão, né. Então agora a gente pega brasileiro, ensina criançada de brasileiro.

² Indumentária do Sumô, espécie de cinto.

F.M. – Mas e aí? Onde funciona a academia de vocês? Vocês têm academia e tudo? Como é que funciona?

M.A. – Tem, academia é assim eu sou o presidente do Confederação Brasileira de Sumô. Aí, embaixo de, abaixo de Confederação Brasileira tem Federação Paulista. Abaixo de Federação Paulista tem aqui no grande São Paulo tem cinco lugares: São Paulo, próprio São Paulo, Santo Amaro, Grande ABC e Jardim Branca, Central e Norte. Aqui no grande São Paulo tem esses 5. Então cada um deles tem arena.

F.M. – Humrum.

M.A. – Pra eles treiná, né. São Paulo, nós tem CBS tem estádio nosso em Bom Retiro. Dia que cê quer conhecer melhor, fazer mais entrevista, vai lá meio dia.

F.M. – Domingo no Bom Retiro?

M.A. – É, domingo no Bom Retiro.

F.M. – Que a Confederação é lá. A Arena da Confederação é lá?

M.A. – É, só que o pessoal de São Paulo que usa mais.

F.M. – Sempre tem competição lá?

M.A. – Não, só treino. Competição, agora Junho vai ter competição.

F.M. – O sumô que a gente vê hoje, que eu vejo na televisão, no campeonato profissional lá, ele é o mesmo que sempre foi praticado, ele nunca teve mudança, alguma, algum tipo de mudança, no sentido de, é, alguns esportes, algumas artes marciais você vê o caso do Taekwondo, do Karatê a medida que eles foram se tornando esporte, eles foram se adaptando pra duas coisas: uma pra proteger a integridade física do praticante, pra que ninguém se machucasse, outra, por outro lado também uma preocupação em tornar interessante pra quem tá assistindo, pra também conseguir patrocínio conseguir uma série

de outras coisas que não são diretamente relacionadas com a arte marcial mas que acabam ajudando, dando recurso financeiro pra ela. Sumô aconteceu isso?

M.A. – Sumô, sumô não. Sumô é, já vem mais de 1000 a nos só sumô. Porque hoje não mudou não.

[Fita interrompida – telefone]

F.M. – Então, e, o sumô sempre foi o mesmo?

M.A. – Sempre foi o mesmo.

F.M. – Não houve mudança, agora se fala muito das crianças no Japão não querer usar o, qual que é o nome? Moiaishi o nome?

M.A. – Maoashi.

F.M. – Maoashi. Que querem usar com calção e tal. Pessoal antigo num gosta muito da idéia.

M.A. – É, mas o campeonato mundial obriga por calção. E Campeonato mundial tem bastante gente do mundo inteiro né, eles num sabe apertar bem e na hora de praticar o sumô é pra segurar. Único lugar pra segurar. Aí escapa se num deixá bem amarrado.

F.M. – Humrum.

M.A. – Então obriga calção.

F.M. – Fora essa mudança, num teve mais não?

M.A. – Não.

F.M. – Questão das regras de competição essas coisas sempre foram as mesmas?

M.A. – É, veio aumentando, como é que fala, mais variedade de técnica. Isso aí vem vem próprio lutando aparece, então agora tem acho que mais de cem, cem ...

F.M. – Golpes?

M.A. – Cem golpes.

F.M. – E, existe no sumô, professores que vivem apenas do sumô? Só trabalhando com sumô aqui no Brasil?

M.A. – Quebra um galho.

F.M. – Então uma academia de sumô ela não cobra é, cobra mensalidade? Como é que é?

M.A. – Não, não cobra. Não é que nem judô.

F.M. – Ah.

M.A. – Tudo voluntário.

F.M. – Porque alguns, alguns imigrantes eles começaram a cobrar na medida em que eles viram que eles podiam é sobreviver daquilo e, além disso, ganhar um certo respeito dentro da sociedade brasileira, né, porque, eu não sei se o senhor vivenciou um pouco isso, mas conta-se muito que havia no começo da imigração japonesa uma certa discriminação de alguns brasileiros para com os japoneses. Não sei se você vivenciou um pouco isso, se percebeu essa...

M.A. – Não. Sumô esporte num tem isso, né.

F.M. – Então, mas eu digo na própria vida assim da colônia no Brasil assim.

M.A. – É, antigamente talvez tivesse, né. Viver com, casar com brasileira. No início não existia, parece que não existia. Porque colônia que veio pro Brasil queria voltar pra terra deles. Queriam voltar pra terra.

F.M. – E aí por causa disso também não queria que misturasse.

M.A. – É, por causa disso não queria que misturasse, porque vai embora. Então acabou ficando aqui e aí já começou a misturar.

F.M. – Seu Masatoshi, a religião da sua família quando veio pra cá era qual?

M.A. – Era Buda.

F.M. – E continua até hoje?

M.A. – Continua até hoje. Minha mãe continua até hoje.

F.M. – Mas o senhor também?

M.A. – Também acompanho.

F.M. – Mas não obriga seus filhos, nada disso ou eles acabam acompanhando?

M.A. – Não, não. Não obrigo, então se eu morrer vai acabá. ... Religião daqui como é que é?

F.M. – Tem católica, tem protestante, tem um monte de outras.

M.A. – ...

F.M. – Ô, ô seu Masatoshi o senhor percebeu muita diferença assim das atitudes dos seus filhos a medida que eles foram crescendo aqui no Brasil em relação aquilo que dentro da sua casa era ensinado como como educação, como cultura mesmo de lá, Uma coisa mais

japonesa e a medida que as pessoas foram crescendo aqui foram se distanciando um pouco ...?

M.A. – Não, acho que não. Meu pai ensinava no início, né, cultura japonesa. Mas depois passando o tempo aí já, quem num tem estudo, num teve oportunidade de ir a escola: eu e meu irmão e minha irmã, três. O resto foi, estudô. Só nós três mais velhos que não tinha...

F.M. – É, vocês tiveram dificuldade, assim, com a comida? Aqui que era um pouco diferente.

M.A. – Ah, a gente não né, mas meus pais teve.

F.M. – Eles não gostavam aqui da comida?

M.A. – É. Comida daqui é muito gorduroso, mas isso aí...

F.M. – É eles moravam numa ilha, né, deviam comer bastante peixe e vocês foram parar lá no meio do Estado, longe do mar.

M.A. – É, é.

F.M. – Então o pessoal pescava lá no rio Grande...

M.A. – É, pescava peixe, comia peixe.

F.M. – Por que hoje, hoje se uma pessoa vier do Japão ele não passa aperto aqui no Brasil, Por que tem todos os temperos, toda comida...

M.A. – Ah! Quem agora...

F.M. – É uma beleza.

M.A. – É mesma coisa lá...

F.M. – É a mesma coisa.

M.A. – É a mesma coisa.

F.M. – Mas aí seus pais já não, né?

M.A. – Ah... Meu pai naquele tempo não tinha nada, nada, nada, ia na venda comprar, não conhecia nada, né? É que... Tinha gente que veio antes, né? Que chegou mais antes, na nossa fazenda tinha 100 famílias de colônia japoneses, são de japoneses nesses fazenda Junqueira, lá em Igarapava. Aí tinha família veio antes, né? Então explicava como é que se come, como ir na venda comprar... Comida é fazendeiro que fornecia não é a gente que ia comprar não.

F.M. – É mais depois ia ser feijão e arroz, vocês não estavam acostumados a comer feijão e arroz, né?

M.A. – [risos] Não tinha shoyu não tinha essas coisas nada [risos].

F.M. – Não tinha nada disso...

M.A. – Temperar com sal só, com sal só.

F.M. – Então com relação ao Sumô. Então o Sumô aqui no Brasil, como é que ele é? Como é que ele funciona? É tudo com trabalho voluntário?

M.A. – É.

F.M. – E normalmente assim... Fim de semana.

M.A. – É. No mínimo fim de semana ou domingo. Sumô começou primeiro lá dentro do Ribeirão Preto, lugar chama Guatapará. Primeiro imigrante que entrou em Guatapará em Ribeirão Preto, e alguns aqui no... aqui no... Registro, Registro e no Noroeste aqui também.

Aí tinha no Guatapará, tinha o professor de Sumô que era do Japão, veio do Japão, né? Então ele... Uma vez fez competição, isso foi no 1914, isso foi o primeiro campeonato. Aí daí pra cá veio divulgando e colônia ia aumentando, né? Então no noroeste, estrada de ferro noroeste, entrou bastante lá, perto de Lins, depois foi indo mais pra frente, Pereira Barreto, depois que começou a ir Marília. Aí esse nosso campeonato brasileiro de Sumô, esse ano já tem 44 anos. 44º. Campeonato.

F.M. – E hoje o Sumô, ele não está só no Estado de São Paulo, ele tem bastante em outros estados?

M.A. – Tem.

F.M. – Quais são os outros estados?

M.A. – É... Paraná, Rio Grande do Sul e Pará.

F.M. – São Lugares onde tem bastante imigração japonesa?

M.A. – É... Antes tinha Minas, Rio de Janeiro, mas pessoal tá acabando, então esse aí acabou.

F.M. – Existe brasileiro que dá aula de sumo hoje?

M.A. – Existe, aquele que foi campeão brasileiro a gente manda pra Japão quando campeonato lá em Japão, né? Agora tem campeonato mundial, campeonato mundial esse ano vai ser 13º. Acho Campeonato Mundial. Então quem é campeão brasileiro, ou vice-campeão, até terceiro a gente manda pra campeonato mundial. E pra arrumar esse dinheiro pra mandar esse pessoal?

F.M. – Como é que faz? É tudo doação?

M.A. – Doação. Tudo Doação. Hoje governo começou a ajudar.

F.M. – Ah, é?

M.A. – É. Inclusive lutadores que foi... foi, conseguia até terceiro lugar, tem primeiro, segundo e terceiro, campeonato brasileiro ganho até terceiro lugar, começou, vai começar agora Lula³ que deu esse. Vai ajudar, só que ele tem que ensinar. Então eu puis o nome desse pessoal, 34, 35 pessoas, puis pra examinar. Se realmente o governo realmente vai ajudar, não é muito, é 750. Comecinho se aprovar vai ficar bom.

F.M. – Então na realidade vocês...

M.A. – Incentiva mais.

F.M. – Mas qual é a questão do sumô não cobrar mensalidade, não cobrar nada dificulta um pouco a manutenção assim de mandar gente pra fora porque ou a Federação manda dinheiro pra vocês?

M.A. – Não.

F.M. – Não manda né.

M.A. – Não. Muita gente que vem pra cá.

F.M. – E as pessoas que tão assim, você vai pedir patrocínio, você percebe se tem algum..., assim se vai prum empresário e fala “Ah, pode ajudar o sumô”? Você deve ir em empresários de origem nipônica, né.

M.A. – É

F.M. – E você percebe se tem uma resistência, “Ah, o cara é brasileiro” e tal, não sei o que, ou o cara ajuda de qualquer forma? Vamos supor...

³ Luiz Inácio Lula da Silva, na época presidente do Brasil.

M.A. – Não. Tem gente que particular, dizem que se no interior, né, isso aí no interior, né, natural de Pereira Barreto, não tem descendência nipônica. Tudo brasileiro.

F.M. – Praticando sumô?

M.A. – É. Então...

F.M. – E quem tá ensinando é brasileiro ou é japonês?

M.A. – Brasileiro. Então, vai pedi, vai pedi doação... entendeu? Ai eles se recusa, não tem equipe japonês, não vou ajudá nada.

F.M. – Hurum.

M.A. – Por isso que é difícil a... mas interior, prefeito ajuda bem. Quando vem aqui no Campeonato Brasileiro, vem aqui em São Paulo, prefeito dá ônibus, normalmente faz isso. E quando vai pra Mundial, a gente pede dinheiro de passagem. Faz orçamento, manda três orçamento pra Brasília, ministério do...

F.M. – Esporte?

M.A. – ...esporte aí eles aprovam. Precisa levar bilhete aí pagam.

F.M. – Humrum

M.A. – Porque é difícil porque tem firma que... avião... companhia de avião não, não vai, como é que fala, tipo não quer vender bilhete prazo.

F.M. – Hum, só quer receber na hora.

M.A. – Na hora. E quem pode fazer agência de turismo.

F.M. – Humrum. Aí sai mais caro.

M.A. – É, sai mais caro. Mas ele banca, né e depois que receber do governo repassa.

F.M. – Repassa. Tem sobrevivido assim até hoje?

M.A. – É, mas isso dois, três anos pra cá.

F.M. – Ah, é?

M.A. – É, mas antes é tudo...

F.M. – De doação mesmo, particular?

M.A. – É. Doação.

F.M. – Então, na realidade, o sumô ele é bem amador mesmo? Ele não tem a pretensão de se tornar uma...

M.A. – Aqui no Brasil é bem bem amador.

F.M. – Mas também não tem essa...

M.A. – Tem, tem alguns lutadores que é bom, Brasil inclusive brasileiro também, né. Contra profissional...

F.M. – No Japão

M.A. – No Japão. Ainda tem lá.

F.M. – E ta se dando bem?

M.A. – É, num tá. Porque é difícil sumô.

F.M. – Ah.

M.A. – No meio daquela turma lá...

F.M. – Por que lá são os bons mesmo?

M.A. – É [risos], num é fácil né. Num chega ganhar ordenado.

F.M. – Humrum. Então tem que fazer outra atividade também.

M.A. – É.

F.M. – Acaba que é meio amador também.

M.A. – É.

F.M. – Meio amador, meio profissional. Mas é, seu Masatoshi, o sumô então, assim, com exceção do amador que tem diferença de peso, é, tem o profissional, o que se destaca é a técnica ou é a força?

M.A. – Técnica.

F.M. – A questão é a seguinte, é possível no sumô uma pessoa...

M.A. – Dois né. Não só técnica, precisa ter força também. E a força, precisa engordar. Lá eles faz uma comida, faz uma comida, cozinha carne de porco, frango e legumes misturado, que nem feijoada a aqui faz engordar. Come bastante. Manda comer bastante. Dia inteiro.

F.M. – Ah, é?

M.A. – Adoram comer [risos]. Comendo e lutando, comendo e lutando.

F.M. – E depois que o lutador, assim, vai se aposentar? Ele pára de comer, ou como é que é? Ele não emagrece mais, né?

M.A. – Emagrece, emagrece, mas num vai voltar o mesmo.

F.M. – Do jeito que era, né? Mas lá é diferente daqui né. Aqui uma pessoa obesa, as pessoas num gostam muito. Acham feio, né. Mas lá no sumô o pessoal respeita, né?

M.A. – Respeita. Ah, lutador tem um corpo bonito, gordo né. E a mulherada gosta.

F.M. – Mulherada de lá gosta?

M.A. – Gosta.

F.M. – É, porque aqui o cara tá lascado né? Não é? [risos]

M.A. – Tem artista que gosta. Agora separou, mas chegou a conhecer Konishiki? Havaiano.

F.M. – Ah, acho que eu já ouvi falar.

M.A. – Ele tinha duzentos e sessenta quilos. Chegou a 263,5, por ai. Normal é 260kilos. É um monstro. Cê vê bunda dele parece bunda de elefante. Desse tamanho assim [gesticula]. E ele casou com uma japonesa pequenininha. Artista. Bonita. Que que pensa né? Puta merda, como é que uma menina bonita foi arrumar um cara como ele?

F.M. – [risos] É esquisito né? Pra gente é muito esquisito. Fico imaginando né.

M.A. – [risos] Devia pegar na palma da mão. Que nem criança de três anos.

F.M. – [risos] Mas num é fácil não. Mas oh, você acha que lá no Japão a pessoa acaba gostando do lutador de sumô porque ganha muito dinheiro...

M.A. – É

F.M. – ...ou porque é bonito?

M.A. – Porque, é duas coisas. Ganha bem.

F.M. – Humrum. O dinheiro acaba ajudando a deixar o cara bonito [Risos].

M.A. – Um dia, um dia você vai vai aqui no Bom Retiro

F.M. – Humrum.

M.A. – É, é, Bom Retiro, mas é na..., ali é Avenida Presidente Castelo Branco. É, continuação da Marginal...

F.M. – Continuação da Marginal. Bem pertinho da marginal.

M.A. – É. Marginal, marginal com duas pistas, né.

F.M. – Onde era a favela do gato que virou predinho ali?

M.A. – Isso, isso, isso, ali mesmo. Favela do gato.

F.M. – Mas aí você pega a direita, ali perto da...

M.A. – Ali, antes de chegar ali separa. Marginal vem com duas pistas, pista expressa, pista local. Então, pista local, ele faz assim [gesto].

F.M. – É, entra por dentro, passa perto da Gaviões da Fiel, ali.

M.A. – Certo. Depois que passou a Gaviões, a primeira entrada a esquerda é ali.

F.M. – Ah, é a esquerda?

M.A. – É. Esquerda. Porque Marginal via expressa passa reto, né.

F.M. – Hum.

M.A. – E outro faz isso [gesto]. Aqui tem uma ilha...

F.M. – humrum, tem uma ilha, isso.

M.A. – É. Outro faz isso. Então aqui.

F.M. – Mas é perto, é perto donde é a favela então?

M.A. – Perto, perto. É encostado com favela.

F.M. – Ah, daí é tipo um clube ali?

M.A. – É. Clube. Só tem um clube ali.

F.M. – É eu sei. É o Clube Tietê depois, um pouco pra frente, não é isso?

M.A. – Ah, Clube Tietê é bem pra cá. Ah, clube beisebol, nosso é encostado neles. Tá dentro do beisebol.

F.M. – Então é ali passando ali a favela um pouquinho... Ah, a favela que agora, agora é prédio, né?

M.A. – É

F.M. – Fala favela mas... Eu vejo que tem um portãozinho ali. Tem um portãozinho é, acho que tem uma cerca viva parece, umas árvores assim...

M.A. – Lá é cheio de árvore. Então, passando grupo de Gaviões...

F.M. – Hum.

M.A. – Aí passou já é logo em seguida. Tem que vir pela esquerda, né.

F.M. – Vir de vagarzinho pra entrar.

M.A. – É. Vai dando sinal, que passando ali tem uma entrada, tem um guarda também na entrada.

F.M. – Acho que eu já vi isso. Porque tem, tem uma escola, também, não tem? Alguma coisa da prefeitura, não tem?

M.A. – É, é da prefeitura. Ali é da prefeitura.

F.M. – Pernilongo saiu voando. Tinha um pernilongo, saiu voando.

M.A. – Ah é? Então, um dia domingo vai lá vê.

F.M. – Eu vou ver sim.

M.A. – Meio dia.

F.M. – Meio dia.

M.A. – Meio dia até duas horas, três horas. Meio dia tá lutando. Começa às 10 horas.

F.M. – Seu, seu Masatoshi, deixa eu te perguntar uma coisa, hoje você disse que tem bastante brasileiro praticando sumô, né, mas antes não era assim, é, não tinha tanto brasileiro assim. É, isso pode ser também por conta do fato do sumô nunca ter sido divulgado no Brasil, como é que..., vocês nunca tiveram esse interesse também?

M.A. – Uma que..., uma é essa aí. Não foi divulgado.

F.M. – Eu penso que as outras artes marciais acabaram sendo divulgadas com mais força porque a pessoa tinha aberto academia, tava querendo sobreviver daquilo, não é? No caso do sumô parece que é diferente.

M.A. – Diferente. Sumô não tem isso, até hoje...

F.M. – Não cobra!

M.A. – Não, num cobra. Se cobrar ninguém vem. Pelo contrário, nós tinha que aqui da... o pessoal da Zona Leste. E eu fui presidente da Zona Leste por sete anos. Associação Esportiva de Sumô da Zona Leste. Agora acabou, mas o clube ainda tem aqui no Vila Cisper.

F.M. – Humrum. É aqui pra trás.

M.A. – É. Encostado fábrica ali. Prefeitura deu CDM, né, então lá dentro deste tem...

F.M. – A prefeitura sempre ajudou bastante.

M.A. – É, essa parte ajudou, né.

F.M. – Cedendo o lugar, né.

M.A. – É, cedendo o lugar. Dinheiro nunca.

F.M. – Nunca deu.

M.A. – Nunca deu. E, então sumô ficou atrasado por causa disso, né.

F.M. – E o sumô é o quê? Você entende o sumô como um esporte.

M.A. – Ele é esporte, esporte.

F.M. – Ele num é arte marcial, assim.

M.A. – Não. Esporte e ele é cultura japonesa. Ah, então eu tava falando de onde tem, tem arena, onde praticava a criançada todo sábado e domingo, praticava, terminando treinamento fazia churrasco e dava bebida. Senão eles num vem praticar.

F.M. – Hum.

M.A. – Precisa agradecer [risos].

F.M. – Mas aí vira uma festa porque acaba a colônia se encontrando, as pessoas conversando, botando a conversa em dia acaba que é um encontro, né?

M.A. – É, é. Com isso cativava o pessoal.

F.M. – Mas também essa forma acaba que, talvez por isso que o mundo brasileiro tivesse um pouco de receio de se aproximar mais né, no início.

M.A. – Não. Brasileiro que queria praticar, ele podia vir, seja bem vindo. Normalmente num, num ficava muito tempo porque apanha.

F.M. – Hum [risos]. Porque tem dificuldade mesmo. O negócio assusta né?

M.A. – É, tem que subir, né.

F.M. – Vamos supor: se eu chegar lá, “vamo lutar sumô” e, é provável que eu leve uma surra lá?

M.A. – É.

F.M. – Não, não porque, por maldade das pessoas, mas...

M.A. – Não, não. Primeiro tem quem...

F.M. – Pela técnica mesmo do pessoal?

M.A. – É. Tem a primeira vez, pessoal ensinava, né. Então não é assim. Depois que aprendeu mais ou menos começou a..., principalmente no campeonato. Campeonato ninguém respeita, né.

F.M. – Campeonato todo mundo quer ganhar né?

M.A. – É [risos] precisa ganhar.

F.M. – E..., mas aí mesmo assim vocês respeitam uma divisão de peso lá? Ou não?

M.A. – É, respeita. Divisão de peso existe. E agora, agora tem... tá praticando já terceiro, este ano, acho que quarto ano feminino.

F.M. – Ah. Nunca, nunca tinha visto. No Japão tem também?

M.A. – Tem.

F.M. – Mas não tem profissional?

M.A. – Não profissional.

F.M. – Só amador?

M.A. – Só amador. Profissional não deixa nem... mulher não deixa de ser amador.

F.M. – O profissional?

M.A. – É. Quando tem, tem campeonato lá em Osaka, prefeita lá, lá prefeita é mulher, então sempre eles vão pedir troféu, né. Prefeita, governador, primeiro ministro, aí, ela quer fazer questão de entregar. Mas num deixa.

F.M. – Ela quer subir no ringue, quer pegar e as pessoas...

M.A. – Não.

F.M. – ...e os mestres não deixam.

M.A. – Não deixam. Tem que ser...

F.M. – Outro lugar?

M.A. – Não. Eles num deixa, tem que ser outra pessoa. Representante homem. Não aceitam.

F.M. – Mas porque não aceitam? Pela cultura?

M.A. – Pela cultura.

F.M. – Aqui no Brasil entre vocês teria, teria problema? Se por exemplo...

M.A. – Não.

F.M. – ...vocês fizessem um campeonato e a prefeita Marta⁴ quisesse subir no ringue pra entregar e quisesse subir?

M.A. – Pode subir, nós não tira ela, mulher. A gente põe..., como é que fala? (gesticulou)

F.M. – Tapete?

M.A. – Tapete.

F.M. – Existe um respeito muito grande pelo ringue, né?

M.A. – Existe.

F.M. – No ringue só entra o lutador? Só quem tá lutando? Assim...

M.A. – Não, pode entrar qualquer um, pode ser qualquer um, mas não com sapato. Esse pode [mostra o tênis]. Sapato não pode.

F.M. – Mas qual seria a diferença do tênis e do sapato?

M.A. – Não tira [risos].

F.M. – É, porque é estranho, né [risos].

M.A. – Não tem tanta... o, ou o...

F.M. – Chinelo.

M.A. – Chinelo [risos].

F.M. – São coisas que às vezes não pararam para pensar, né?

M.A. – É.

F.M. – Tô usando e continuo usando.

M.A. – Você se for lá no Bom Retiro encontra Denis⁵, lutador profissional. Chama Krona.

⁴ Marta Suplicy.

⁵ Nome sujeito à confirmação.

F.M. – Hunrum.

M.A. – Ele já faz um ano tá, que voltou. Ele chegou a ficar mais de um ano lá...

F.M. – No Japão.

M.A. – No Japão. Então cê tem que se informar com ele sobre, sobre profissional...

F.M. – É, senhor Masatoshi, com algumas artes marciais aqui no Brasil, principalmente o karatê, o judô, o próprio taekwondo, as pessoas que eu entrevistei dizem quando começou a passar muito filme de Bruce Lee, que mostrava lutando e as coisas na TV, os filmes, desenhos que de certa forma tinham as pessoas lutando né, os professores diziam que aumentava a procura dos alunos brasileiros e mesmo de outros alunos, os alunos da própria colônia, atrás das artes marciais. Com o sumô aconteceu um pouco isso ou, ou o senhor não conseguiu ver isso acontecer?

M.A. – Não, isso não é pra mim..., depois desse mundial aí que começou aparecer lutadores brasileiros. Então, melhor que aquela hora de filme. Então, feminino já tá com..., esse ano, acho que com quatro anos. Por que feminino? Porque é, Comissão Olímpica não pode ser só homem, tem que ser homem e mulher. Então, Comissão Internacional de Sumô iniciou.

F.M. – Existe, existe o sumô já nas Olimpíadas, ou não? Já participou? Ele participa até que nível do esporte? Porque tem alguns que vão até Panamericano, tem outros que vão até..., jogos da Ásia deve ter sumô.

M.A. – É. Panamericano também não tem. Só Sul-Americano. Eu sou presidente do Sul-Americano.

F.M. – Hum.

M.A. – Não tem Panamericano.

F.M. – Mas a, a...

M.A. – A gente espera, espera a entrar no, no Panamericano. [mudança de lado da fita]. Aí se, se aceitar..., é que Comissão Olímpico não tá aceitando sumô porque eles ficam visando um..., como lutador profissional.

F.M. – Ah, tá.

M.A. – Faz engordar né, então diz que..., mas é... amador não é isso. Cada um vai praticar..., num precisa, num precisa engordar, né.

F.M. – Com seu peso mesmo.

M.A. – É.

F.M. – É, porque hoje..., também hoje os médicos mesmo falam que a pessoa engorda demais é um risco pra saúde dele, né.

M.A. – Quem, quem pratica esporte eu acho que num, num faz mau, né. Agora, sem sem praticar esporte, engordar assim aí faz mau.

F.M. – Ô, o sumô, ele é como outras artes marciais, por exemplo, é, karatê, taekwondo, tudo. Você vê que os atletas, eles procuram fazer musculação, academia e depois vão pra luta. Fazem uma preparação física, comem de forma diferenciada. O Sumô mesmo no profissional a preocupação não..., existe essa preocupação ou não?

M.A. – Profissional sim

F.M. – Então, mas ele, ele num, num, num pensa que ele vai frequentar academia no sentido assim ah, de ficar forte mas tá magro ao mesmo tempo, num tem isso, né?

M.A. – É, num num tem.

[Fita interrompida]

F.M. – Acho que eu tinha feito a pergunta sobre o que o...

M.A. – Profissional. Sobre comida, engordar né?

F.M. – Isso. Se o pessoal vai a academia e tudo. E o senhor falou que acha que o profissional vai, né?

M.A. – É. Eu num, num sei bem como, como que é profissional, mas é..., eles..., lá tem regra. Altura mínima é 1,75m. Peso também mínimo é, não sei se era primeiro teste, tem que passar nesse aí. Aí, aí, depois que entrou lá, num é só lutar, pessoal que entra assim é mais de empresa, ajuda na venda do lutador mais.

F.M. – Mais importante?

M.A. – Mais importante. Eu...

F.M. – Profissão que dá até um certo dinheiro, né? Lá no Japão?

M.A. – É. E, comida, então, comia pra engordar. 130 kg é pequeno pra eles. Precisa mais de 150 kg. Mínimo 150 kg.

F.M. – É que tem um bairro lá, parece né, que é só pra lutador né? Parece que em Tóquio. Parece que tem um bairro só de lutador sumô, que tem um monte de coisa pra lutador de sumô, restaurante...

M.A. – Num é que é um bairro é..., cada um tem. Que nem aqui, judô. Se fosse judô tem... como é que fala? Quando professor ensina judô. Dojo, né.

F.M. – Dojo?

M.A. – Dojo. Tem cada professor com um, com um que chama PA, aí, tem 20, 30 alunos lutadores e vai aprendendo. Então, lá em Tóquio, onde tem, onde tem estádio de sumô, ali em volta tem bastante isso aí. Num é bairro, num é bairro de lutadores. Tem vários..., em volta desse estádio tem vários alunos.

F.M. – É?

M.A. – É.

F.M. – Então, aqui..., aqui, por exemplo, houve uma época aqui no Brasil que as pessoas procuravam, mais ou menos na época, é, década de 1980 e tal, as pessoas procuravam artes marciais e falavam que ia ajudar como defesa pessoal, pra se defender da violência e coisa assim. O sumô parece que é um pouco fora disso.

M.A. – É. Sumô num é, num é defesa. Judô é...

F.M. – Humrum.

M.A. – ...mas sumô não. Sumô por isso que luta pelado. E mostra que num tem nada. É desarmado, abre mão assim [gesticula]...

F.M. – Humrum.

M.A. – ...não existe nada. Abre mão, gira, mostra, [gesticula] como se fosse que tá mostrando que...

F.M. – Que tá desarmado.

M.A. – ...que tá desarmado.

F.M. – E algumas vezes eu vejo também a pessoa, a pessoa, principalmente no profissional, né, que a gente vê o lutador vai entrar, ele joga...

M.A. – Sal.

F.M. – ...sal. É sal? E qual o significado?

M.A. – Sal é pra purificar arena.

F.M. – E é sal refinado mesmo?

M.A. – É, sal refinado. Precisa ser sal refinado

F.M. – Porque parece um talco, né. Porque ele é tão fino, que ele um pó mesmo, que lembra até um talco. Quem tá assistindo... eu sempre chego..., “pô por que eles jogando esse talco aí, eu queria saber?” Então tem..., e essa tradição de purificar a arena é de..., vem de que religião? É de alguma religião?

M.A. – Não, não.

F.M. – É uma coisa própria do sumô?

M.A. – É, própria do sumô. Quer dizer, num tem religião a... enterro no Japão purifica com sal em volta do enterro.

F.M. – Pessoa..., mas joga sal no corpo, no próprio corpo?

M.A. – Às vezes joga sim.

F.M. – Hum.

M.A. – Lava a mão quando volta do enterro.

F.M. – Volta do cemitério. Não, que lá num tem cemitério, né. É cremado, né. A tradição manda cremar, né.

M.A. – É. Mesmo assim, né, mesmo assim. Então, quando sumô, campeonato a gente..., início do campeonato, primeira coisa chama padre e padre reza e purifica arena.

F.M. – Mas padre de que? Padre católico?

M.A. – Não, não, padre japonês [risos].

F.M. – Hum (risos). Ah, então tem uma purificação também do local. E, e eu percebo também que o, o juiz fica o tempo todo gritando, falando algumas palavras, eu não entendo aquilo. Qual o significado daquilo? Quê que ele fala?

M.A. – Hum, ali ele fala...

F.M. – Humrum. É circular.

M.A. – Circular. É quadrado. Dentro do quadrado tem, tem aquele círculo.

F.M. – Humrum.

M.A. – Da área, né. Tem que lutar dentro desse círculo. Aí, adversário ou chega perto da área já..., num tem, num tem atrás então ele..., juiz avisa...

F.M. – Hum.

M.A. – Lá no fim do círculo.

F.M. – E ele fala o que?

M.A. – Ele fala: “Nogota, nogota”.

[risos]

M.A. – “Nogota” porque não tem mais...

F.M. – Espaço

M.A. – Espaço.

F.M. – Eles falam tão rápido que a gente nem, nem percebe.

M.A. – [Risos]. É

F.M. – E ganha quem, quem consegue é, retirar o adversário dessa, dessa, desse círculo, né?

M.A. – É. Se ele conseguir empurrar, sair um pouquinho assim [gesticula], ponta do pé assim, já perdeu.

F.M. – Num pode sair nada?

M.A. – Num pode sair nada. Ou dentro da arena, círculo se põe a mão...

F.M. – Ah, se o adversário encostar a mão no chão também.

M.A. – Também.

F.M. – Aqui no Brasil vocês fazem da mesma forma? No amador?

M.A. – É.

F.M. – É o mesmo critério, só que deve gritar menos.

M.A. – É, grita menos.

[risos]

M.A. – Num é que nem esse profissional.

F.M. – É que profissional tem uma série de outras coisas, tem a TV filmando, eu imagino que o pessoal aposte também dinheiro, ou não?

M.A. – Num é aposta, num é aposta. Sumô num tem aposta. Profissional tem..., aqui mesmo..., se você ta lutando, né, com outro e se eu gosta de você, é, sou amante desse lutador aí eu ponho no envelope dinheiro.

F.M. – Hum.

M.A. – Pode ver que campeões pega monte de..., ganha monte de envelope. Ali tem bastante dinheiro.

F.M. – Que o pessoal paga, mas voluntariamente?

M.A. – É voluntário, porque ele tá assistindo.

F.M. – Na realidade então, por exemplo, quem vai assistir no estádio não paga ingresso, não tem nada disso. É tudo aberto pra entrar e assistir?

M.A. – Não. Profissional...

F.M. – Paga ingresso.

M.A. – ...paga ingresso.

F.M. – Mas além disso o cara gosta muito daquele lutador...

M.A. – Gosta muito daquele lutador ele tem...

F.M. – Ele dá dinheiro.

M.A. – ...que dá.

F.M. – Então, mas, mas fora isso o lutador ganha outro tipo de salário, ou não?

M.A. – Ah, é.

F.M. – E quem paga? De onde vem o dinheiro?

M.A. – “Oyakatá”. “Oyakatá” é dono do, do ginásio.

F.M. – Então ele..., uma parte do dinheiro que ele pagou pra assistir.

M.A. – É. Eu num sei como é que divide, né.

F.M. – Deve dividir mais pro campeão, aí vai descendo.

M.A. – É. Então, esses lutadores “Yokosona” máximo, categoria máximo chama “Yokosona”. Esse aí ganha, num sei, acho que 20, 30 mil dólares por mês. Fora aquele...

F.M. – Fora os envelopes?

M.A. – Fora os envelopes. Quando foi campeão ah! Aí ganha bastante.

F.M. – É, porque é um esporte diferente, assim, é diferente, assim é um pouco difícil de você conseguir fazer e, existir alguns produtos relacionados a ele. Porque, por exemplo, você tem o karatê, o cara vende kimono, vende protetor, vende no sei o quê. No sumô é só o mayashi, né?

M.A. – É.

F.M. – Então aquilo não tem muito como vender, pôr marca, não tem nada disso.

M.A. – Isso. Aqui no Brasil faz camiseta pra vender.

[Risos]

F.M. – Faz camiseta pra vender. Pra dar uma ajuda

M.A. – É [risos]. Ainda dá. Lá no Japão não tem.

F.M. – E aí vive da renda exclusiva da televisão. Televisão também deve pagar um dinheiro bacana, né, pra assistir. Pra televisionar. Seu Masatoshi eu acho que vou, vamos encerrar a entrevista. Foi muito bacana, né, e, aí fica o convite pra eu ir lá conhecer, né.

M.A. – Serviu pra alguma coisa?

F.M. – Serviu tudo, né. Tudo foi excelente, é, é disso mesmo que eu tô atrás. Muito obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]